

Perseguição à UnB

298

A entrevista concedida a este jornal pelo prof. Roberto Salmeron esclarece de vez uma das maiores violências, senão a maior jamais praticada no Brasil em matéria de educação: a perseguição à Universidade de Brasília, em nome da luta contra a subversão e a corrupção, e pela defesa dos ideais universitários. Parece indiscutível que o propósito do ministro da Educação nunca foi outro senão o de extinguir aquela organização, valendo-se para isso, como instrumento final, de um professor da Universidade de São Paulo, que ninguém sabe por que aceitou tão melancólica tarefa.

Não disse o prof. Salmeron muito mais do que tem dito este jornal em reiteradas ocasiões, desde que denunciou, logo no início da Revolução, com a esperança de alertar os mais altos poderes da República, a violência que, até com armas, se praticou contra aquela Universidade — a mais bela experiência de ensino superior até hoje feita no Brasil. Mas sua palavra tem condições para provocar forte e merecido eco. Talvez desperte consciências. Talvez explique o que a muitos espíritos, afastados da vida universitária, pareça inexplicável.

É que o prof. Salmeron, físico de grande renome, não se acha preso a Brasília por nenhum inte-

resse de emprego ou de carreira. Demitindo-se espontaneamente da Universidade, onde percebia apenas 700 mil cruzeiros para ministrar vários cursos e coordenar todo o Instituto de Ciências, pode regressar à tranquilidade de seu laboratório no SERN — O Centro Europeu de Pesquisa Nuclear, em Genebra — retomando seu lugar de pesquisador entre os maiores do mundo. Não tem vinculações políticas, não podem apontá-lo como subversivo nem incompetente. Têm de respeitá-lo e ouvir as amargas verdades que denunciou, porque nem podem contestá-lo nem podem contrapor-lhe, à autoridade científica ou de mestre, as autoridades do reitor e do ministro da Educação no mesmo terreno.

É pasmosa a ignorância com que se fala da Universidade de Brasília para denegri-la, aqui dentro do país, quando no estrangeiro, nos meios científicos e universitários, ela sempre foi respeitada. E lamentável é que o reitor tome decisões políticas e as justifique com argumentos universitários. São afirmações do prof. Salmeron que bem revelam o clima que se criou em Brasília, para destruí-la. Em nome de quê? De uma luta contra a subversão? Nada provado. De uma luta contra a ineficiência do ensino? Nada provado. De uma luta contra a mediocridade do corpo docente? Nada provado.

Fez-se a luta pura e simplesmente, tanto quanto se pode penetrar nesse tenebroso caso, em nome da própria mediocridade, para destruir um novo padrão e para que seja possível continuar a falar em termos ociosos a respeito de reforma universitária. Não adianta repisar as palavras do prof. Salmeron a respeito do que representa a ciência como fator de desenvolvimento, nem o que significa a falta de universidade para a baixa qualidade da mão-de-obra e do trabalho diferenciado de qualquer país, o que basta para explicar os percalços que sofre o Brasil nos mercados internacionais cada vez mais competitivos. Disso devem as autoridades ter ouvido falar. Quem sabe mesmo já discursaram a esse respeito?

Resta a esperança de que o presidente da República se inteire, ele mesmo e pormenorizadamente, desse gravíssimo caso de lesa-pátria. E tente recuperar a Universidade, dela banindo os que ali penetraram para destruí-la, indiferentes a todos os grandes problemas de interesse nacional que o prof. Salmeron destacou em sua entrevista. Pode o físico brasileiro voltar tranquilo aos seus átomos e suas partículas nucleares em Genebra. O dever que tinha para com a pátria, especialmente esse máximo dever de advertir, ele o cumpriu até o fim.